



1.13 • Conjuntura internacional

O FRONT NATIONAL E LA FRANCE INSOUmise

Paula Pereira

NOS ÚLTIMOS 15 ANOS nota-se na Europa um aumento progressivo dos partidos de extrema-direita e de extrema-esquerda. O panorama da vida política francesa é, neste aspeto, semelhante. De facto, se, nas últimas décadas os partidos do arco da governação eram o Partido Socialista ou o Partido Social Democrata, os partidos mais à esquerda e mais à direita, ou “fora do sistema” do espectro político, têm vindo a ganhar relevância nos últimos atos eleitorais.

Em França, os dois partidos Front National (Frente Nacional – FN) e La France Insoumise (A Frente Insubmissa – LFI)¹, respetivamente de extrema-direita e de esquerda, são, neste momento e após as eleições presidenciais e legislativas de 2017, aqueles que mais agitam a atualidade e que representam um voto contra o sistema. É importante rever em que contexto foram criados estes dois partidos para perceber o panorama político da França. A história destas formações só tem em comum o facto de constituírem a oposição ao poder, ou seja Governo e Presidente da República. Porém, enquanto o FN foi criado na década de 70 do século XX, o LFI foi criado em 2016. Se a França não é uma exceção no crescimento dos partidos mais extremos no espectro da vida política, será interessante analisar as razões desse crescimento.

Criação do Front National e de La France Insoumise

O FN tem por base um movimento criado logo após a descolonização da Argélia e que agregava, entre os seus membros, partidários do regime de Vichy² e da Argélia francesa, L'Ordre Nouveau³. Em 1971, na apresentação oficial deste movimento, François Brigneau, um dos seus líderes, lança: “Temos de criar um partido revolucionário. Branco como a raça, vermelho como o nosso sangue e verde como a nossa esperança.” Em 1972, Jean-Marie Le Pen, antigo combatente das forças francesas na Argélia e deputado, assume a presidência do partido então criado com a nova denominação Front National pour l'unité française⁴. Um dos *slogans* mais conhecidos e frequentemente utilizados, ao longo dos anos, por Jean-Marie Le Pen, é retirado da estratégia de frente nacional, então delineada em grande parte pelo seu verdadeiro criador e ideólogo, François Duprat: “Um milhão de desempregados é um milhão de imigrantes a mais.” Duprat, professor de história e geografia, vê em Giorgio Almirante, chefe do Movimento Social Italiano (MSI), formação neofascista, um modelo e inspira-se também no Partido Nacional-Democrata Alemão NPD, xenófobo e antisemita.

Neste contexto, Jean-Marie Le Pen, mais moderado do que os restantes membros da Nova Ordem e com alguns contactos na vida política, impõe-se

como presidente do partido. O início do partido revela-se difícil. Nas primeiras eleições legislativas em que participa, em 1973, obtém apenas 0,52% dos votos. Contudo, este resultado representa um aumento em relação a 1968, quando a extrema-direita contabilizara apenas 0,08% dos votos. Estas eleições servem, no entanto, para consolidar a formação do partido. Em 1974, nas eleições presidenciais, Jean-Marie Le Pen ficou-se pelos 0,75% dos votos. Apesar do resultado medíocre, estas eleições fazem de Le Pen o líder da extrema-direita em França⁵. Para as eleições presidenciais de 1981, Le Pen não consegue recolher as 500 assinaturas obrigatórias para participar na campanha eleitoral. O FN terá de esperar até à década de 1980 para se tornar um partido com uma expressão mais significativa nas urnas.

La France Insoumise, por sua vez, é um partido de esquerda radical (que se situa entre a extrema-esquerda e a social-democracia) e muito recente. Foi criado, em fevereiro de 2016, por Jean-Luc Mélenchon, que anunciou a sua candidatura às eleições presidenciais de 2017 no mesmo mês. Porém, se o partido é novo, o seu líder tem uma extensa vida política. Mélenchon entrou para o Partido Socialista (PS) francês em 1977, com o qual assumiu vários cargos políticos a nível regional. Em 1986 tornou-se o senador mais jovem da V República. Entre 2000 e 2002 fez parte do governo de Lionel Jospin como ministro delegado para o ensino profissional.

“**Tanto para a Frente Nacional como para a França Insubmissa, (...) o próximo teste são as eleições europeias de 2019 e sobretudo as eleições municipais de 2020.**”

Em 2008, Jean-Luc Mélenchon, crítico do Presidente da República François Hollande e denunciando a sua deriva liberal, abandona o PS para criar o Partido de Esquerda. Concorre às eleições presidenciais de 2012 pela Frente de Esquerda, coligação entre o Partido de Esquerda, o Partido Comunista Francês e a Esquerda Unida, chegando a congregar mais movimentos de tendências ecologistas, republicanas, de esquerda radical e extrema-esquerda, entre outros. Nessas eleições alcança o 4.º lugar, na primeira-volta, com 11,1% dos votos. A Frente de Esquerda manteve-se, mas sofreu um revés com a criação do partido LFI de Mélenchon, que lhe retirou expressão na vida política.

Será interessante notar que, embora a Frente Nacional e a França Insubmissa se encontrem em lados opostos do espectro político francês e se oponham em muitas questões, têm alguns traços em comum. São dois partidos que constituem a oposição mais feroz ao Presidente da República e ao governo (em particular a França Insubmissa); são dois partidos que refletem a tendência das sociedades europeias para votar em partidos com discursos antissistémicos; são dois partidos muito dependentes do seu líder; e são dois partidos que captam votos de um largo espectro do eleitorado. Assim, enquanto a Frente Nacional tem vindo a ter uma evolução constante, a França Insubmissa entra nas suas primeiras campanhas eleitorais em 2016, conseguindo desde o início resultados significativos.

A evolução do FN e LFI e razões do “sucesso”

A Frente Nacional começa a ser um partido com o qual tem de se contar nas campanhas eleitorais a partir dos anos 1980 e, em particular, a partir de 1983⁶. Nesse ano obtém a sua primeira vitória nas eleições municipais, com a conquista do município de Dreux. Esta tendência é confirmada pelas eleições europeias de 1984, quando obtém 10,9% dos votos. Segundo Jérôme Fourquet, os eventos ocorridos nesse ano na sociedade francesa têm influência direta nos resultados eleitorais do FN, nomeadamente a maior visibilidade da comunidade de origem magrebina. Desde 1982 têm lugar várias greves e manifestações dos trabalhadores do setor da indústria automóvel, em particular dos trabalhadores imigrantes, não qualificados, de origem magrebina. As suas reivindicações são a nível salarial mas também religioso, pedindo nomeadamente uma reorganização do tempo de trabalho durante o Ramadão.

Essas manifestações colhem o apoio da comunidade imigrante de origem magrebina em França e “lançam o debate da identidade, do multiculturalismo e da luta contra o racismo”, afirma Jérôme Fourquet. Segue-se a famosa “marche des beurs”, uma marcha organizada pela segunda geração de imigrantes magrebins em França, que parte de Marselha e reúne em Paris, a 3 de dezembro de 1983, perto de 100 mil pessoas. A sociedade francesa não pode, desde logo, continuar a ignorar esta comunidade imigrante e percebe que a maioria não regressará ao seu país de origem e vai permanecer em França⁷. Este é um momento de viragem na sociedade francesa que vai influenciar tanto o voto dos eleitores como o nascimento de iniciativas viradas para a integração da comunidade imigrante magrebina e de organizações de luta contra o racismo, como a associação SOS Racismo.

De facto, após estes eventos e ao longo dos anos, tornou-se evidente o crescimento dos votos obtidos pelo FN à custa dos temas da imigração, identidade, segurança e desemprego. Estes são o cavalo de batalha das suas campanhas eleitorais. Outro factor importante, que permitiu à Frente Nacional ter representação parlamentar e conquistar municipalidades, residiu na alteração do sistema eleitoral pelo parlamento, em 1981, durante o primeiro mandato do Presidente François Mitterrand, com a introdução de representação proporcional nas eleições municipais nas vilas com mais de 1000 habitantes.

A Frente Nacional demonstra, logo em 1984, nas eleições europeias, a sua ascensão na vida política francesa. O partido atinge o auge, durante a presidência de Jean-Marie Le Pen, nas presidenciais de 2002. Aí, pela primeira vez, obtém o segundo lugar na primeira-volta, ficando à frente do PS e acedendo à segunda-volta frente ao então Presidente Jacques Chirac. Os partidos apelam ao voto em Jacques Chirac para a segunda-volta e os eleitores de todos os quadrantes mobilizam-se contra a FN. Chirac consegue o resultado mais expressivo da V República, com 82,21% dos votos. Le Pen obtém, contudo, o seu melhor resultado, com 17,79% dos votos.

Marine Le Pen vai permitir ao FN atingir outro patamar. Entrou para o partido em 2003, com o objetivo de mudar a sua imagem e de o tornar mais aceitável aos olhos dos cidadãos franceses. Assume a presidência em 2011. Com Marine Le Pen, a FN continua a sua ascensão ao longo dos diversos atos eleitorais e consegue, nas presidenciais de 2017, também ela, levar o partido à segunda-volta das presidenciais contra Emmanuel Macron. Para trás haviam ficado o PS e o partido de direita Les Républicains (Os Republicanos) de Nicolas Sarkozy. Na segunda-volta das presidenciais, a candidata da Frente Nacional obtém o seu melhor resultado de sempre: 33,90% dos votos. Um discurso mais moderado, centrado nos temas da imigração, do desemprego e dos salários, permite-lhe angariar votos à direita, nomeadamente de eleitores do Les Républicains.

O cenário é semelhante no caso da França Insubmissa. O partido de Jean-Luc Mélenchon angariou votos de pessoas que não se sentem próximas de nenhum partido, bem como de indecisos próximos dos partidos de direita, extrema-direita e esquerda⁸. Segundo um inquérito do CEVIPOF⁹ (centro de investigação da Sciences Po) datado de 16 e 17 de abril de 2017, Jean-Luc Mélenchon “conseguiu ser a primeira segunda escolha dos eleitores não definitivos de três candidatos: Benoît Hamon, PS (50%); Marine Le Pen, FN (28%); e Emmanuel Macron, A República em Marcha (26%)”. O partido A França Insubmissa apresenta-se, desde a sua criação em 2016, exceção feita ao movimento de Emmanuel Macron, como uma alternativa aos partidos tradicionais do arco da governação, os Republicanos e o PS. Este último encontrava-se fragilizado pelo mandato de François Hollande e pela conjuntura económico-social, pela taxa de desemprego e pela estagnação dos salários. Nos dois atos eleitorais em que A França

Insubmissa participou em 2017, Jean-Luc Mélenchon consegue resultados significativos. Nas presidenciais, embora não consiga participar na segunda-volta, ultrapassa tanto Os Republicanos como o Partido Socialista, com 19,58% dos votos, alcançando o lugar de terceira força mais votada. Nas legislativas consegue eleger 17 deputados, mais do que a FN, e formar um grupo parlamentar.

Tanto para a Frente Nacional como para A França Insubmissa, resta agora saber qual será a sua evolução futura. O próximo teste são as eleições europeias de 2019 e, sobretudo, as eleições municipais de 2020. De facto, nenhum dos dois partidos conseguiu desenvolver uma ação relevante desde 2017, apresentando agora algumas lutas internas. No caso da Frente Nacional, chegou-se mesmo a uma cisão no partido e à mudança de nome, aprovada pelos seus membros num voto expressivo: passou a chamar-se *Rassemblement National* em 1 de junho de 2018. Quanto à França Insubmissa, começam a notar-se algumas divergências internas. Contudo, a situação política da França nada tem de diferente da de muitos outros países europeus, servindo o voto antissistémico como meio de contestação aos partidos do arco da governação em relação aos quais as populações, em geral, quiseram manifestar o seu descontentamento.

Os acontecimentos dos últimos meses em França, a “crise dos coletes amarelos”, trouxe mais um desafio a estes dois partidos. As últimas sondagens apontam para um aumento na adesão ao *Rassemblement National*, não sendo tão claro para A França Insubmissa de Jean-Luc Mélenchon. Os dois partidos começaram por apoiar o movimento, contudo este recusou qualquer influência política. Neste momento, as intervenções públicas de Marine Le Pen e Jean-Luc Mélenchon são raras, aproveitando o descontentamento da população em relação à política do presidente Emmanuel Macron. ■

Notas

¹ Tradução do autor.

² Vichy foi, durante a Segunda Guerra Mundial, o regime que colaborou com as tropas da Alemanha nazi.

³ A Nova Ordem.

⁴ Frente Nacional para a Unidade Francesa.

⁵ Segundo Valérie Igounet no seu livro *Le Front National: de 1972 à nos jours. Le parti, les hommes, les idées*. Le Seuil

⁶ Fourquet, Jérôme, 1983: *Année Charnière pour le Front National*, Penser pour agir, Fondation Jean Jaurès, Paris, 2018

⁷ Maillard, Denis, “Quand la religion s’invite dans l’entreprise”, Fayard, Paris, 2017.

⁸ Inquéritos pós-eleitorais IPSOS, https://www.ipsos.com/fr-fr/search?search=Élections%20France&sort_by=created&sort_order=DESC&page=4

⁹ Referido por Lenny Barra em entrevista dada ao jornal *Le Figaro* e publicado a 2 de fevereiro de 2018.